
A POESIA DE A. OLIVEIRA CRUZ – UM CAMPO DE AÇUCENAS

Violante F. MAGALHÃES¹

Doutorada em Estudos Literários - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Escola Superior de Educação João de Deus, Lisboa
Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa

RESUMO

Apresenta-se uma análise da obra do poeta português A. Oliveira Cruz. Após o levantamento do extenso *corpus* que compõe esta obra poética e aduzida uma síntese sobre a recepção crítica de que tem sido alvo, procede-se à explanação de coordenadas de análise. Avança-se o argumento de que há uma dialéctica entre três vértices (humana condição, verticalidade do eu, cosmos-redenção), que serão exemplificados com recurso a poemas dos volumes de *Hai-Cantos* do autor. A revelação de aspectos estilísticos, como a visualidade e a musicalidade patentes nos poemas destes e de outros volumes, será articulada com o meticuloso labor autoral exercido sobre diferentes géneros poéticos, trazendo-se a colação alguns exemplos justificativos. Conclui-se estarmos perante uma obra poética de elevada elegância e distinção.

Palavras-chave: A. Oliveira Cruz. *Hai-Cantos*. Poesia. Estilística.

Abertura

Nós morremos. Esse pode ser o sentido da vida.

*Mas nós fazemos a linguagem. Essa pode ser a
medida das nossas vidas.*

Toni Morrison

A. Oliveira Cruz (n. Bigas, Viseu, 1945) é um poeta português. Com formação em filosofia e apaixonado pela educação, em 1979, iniciou o processo de constituição do Instituto Piaget – Cooperativa para o Desenvolvimento Humano Integral e Ecológico, ao qual preside. Após 1979, fundou outras instituições (algumas, de ensino universitário), a nível nacional e

¹ Endereço eletrónico: violantemagalhaes@gmail.com

internacional, criou centros de investigação. Tem dirigido a editora Piaget e respectivas colecções, que são uma referência no mundo científico e académico. Enfim, como bem o disse Almeida Santos (2008, p. 13), na formação do cidadão que é António Oliveira Cruz, há, “para lá do filósofo que pensa, e do místico que crê, o pragmático que age”².

Sendo a escrita literária, para além de um acto estético, um acto de responsabilização cívica, cultural, ética, nada mais nobre que, com o brevíssimo historial que acabei de lembrar, Oliveira Cruz a pratique. Embora escrevesse poemas desde a juventude, escolheu o ano de 1988 para se estrear na publicação de poesia, que assina como A. Oliveira Cruz. Como esclarecido pelo próprio, celebrava-se nesse ano o quinto centenário do feito de Bartolomeu Dias ao dobrar o Cabo das Tormentas, bem como o centenário do nascimento de Fernando Pessoa, dois símbolos que lhe são caros – o das descobertas e o da criação. De 1988 ao presente publicou 59 volumes de poesia³.

Cidadão e poeta são, ambos, obstinadamente humanistas, altamente férteis e inequivocamente elegantes – uma elegância que advém da conjugação entre humildade, sabedoria e delicadeza. E no entanto um e outro estão necessariamente longe, pois que “a vida não é literatura” (como o dizia a escritora Irene Lisboa) e a poesia revela uma voz interior ao sujeito que não pode ser confundida com uma voz biográfica. É a poesia de A. Oliveira Cruz que aqui passo a abordar.

A poesia de A. Oliveira Cruz: *corpus* e recepção crítica

Dos 59 volumes de poesia publicados por A. Oliveira Cruz, quatro, *Obra Poética I, II, III, IV* (todos monumentais e editados em 2008), reúnem poemas contidos em 38 volumes

² Neste sentido texto, Santos (2008, p. 13) transcreve, de António Oliveira Cruz, as palavras com as quais este se define a si próprio: “(...) estudei, li, muito li e pensei, joguei, amei, filosofei e sofri. Criei ideias, livros e filhos. Plantei árvores, obras e sonhos. Fiz sofrer sem o querer e decidi mudar a face do Mundo, começando por mim, sem saber sequer se o consegui, mas sabendo sempre que só sendo ‘humilde’ pode ser a Terra o húmus de si. Fui criando editoras, cooperativas, centros, escolas, universidades que, no que possam e se atrevam, façam neste Mundo um remanso de coragem e força, inteligência e amizade. Se possível em muitas línguas, e mais do que todas na nossa. Sem saber até onde irei pelo sonho. Mas que lá chegarei, chegarei. Há em mim um destino que se cumprirá. Tudo o resto faz parte jusante desta miséria que é ser homem”.

³ Não contabilizo neste número as duas dúzias de Agendas Poéticas *Cada Dia É uma Esperança*, publicadas desde 1996.

anteriores⁴. A partir de 2008, surgiram o volume II de *Arcanos Sóbrios Poemas* e treze novos títulos de *Hai-Cantos*⁵. O termo ‘*Hai-Canto*’ foi criado pelo autor para designar os poemas próximos da estrutura dos *haikais* japoneses. Em 2003 e em 2010, vieram a lume duas *Antologias Poéticas*, sendo a última mais substantiva.

Em termos de recepção crítica, o conjunto da obra tem sido objecto de ensaios de distintas personalidades. José Fernando Tavares, que a tem vindo a analisar minuciosamente, sem perder de vista o perfil metafísico, salienta a intencionalidade filosófica e a “co-relação, ou re-ligação (no sentido religioso) entre o humano e o divino” (TAVARES, 2008, p. 8). Evidencia outras dimensões, como sejam a proverbial e a antropológica, e menciona traços que entende serem constantes – entre outros, a poesia como expressão do futuro; a demanda pessoal do poeta; a presença do homem enquanto ser múltiplo; a presença da infância, no seu esplendor; a divinização da mulher. Este crítico considera que A. Oliveira Cruz terá atingido o “momento mais original” (TAVARES, 2004, p. 217) da sua carreira com os *Hai-Cantos*. Salienta como o “minimalismo verbal das mais antigas manifestações poéticas da tradição oriental” (TAVARES, 2014, p. 122) se adequa à escrita do poeta e alerta para que estamos perante uma obra que incorpora valores maiores da cultura clássica.

Por sua vez, Manuel Sérgio (2008, p. 33) assinala o *desejo* como marca distintiva da obra de A. Oliveira Cruz, afirmando que estamos face a uma poesia que “nasce do corpo”. Já Fernando Paulo Baptista (2011) prefere salientar a intensa reflexão metapoética patente na obra, consequência da “profunda cultura filosófica, teológica, poético-literária” (p. 28) de A. Oliveira Cruz, e faz notar o quanto as particularidades formais desta poesia – versatilidade, ritmo (cadência), melopeia – se combinam com numerosos temas, motivos e preocupações, designadamente:

Tempo, Universo, Terra, Vida, Existência, Historicidade, Deus, Mistério, Destino, Homem/ Mulher/ Criança, telurismo, comunitarismo, demoticidade, ipseidade, alteridade, humanidade, humanismo, corporeidade, espiritualidade, silêncio, reflexão, meditação, misticismo, profundidade, abertura, elevação, sofrimento, solidariedade, fraternidade, amor, música, palavra, língua, oceanidade, náutica, descobertas, espírito lusíada, universalidade... (p. 64).

Com efeito, a poesia de A. Oliveira Cruz nunca abandonou o essencial das linhas elencadas pelos ensaístas citados, como, aliás, bem ilustram os versos deste seu *Hai-Canto*:

⁴ De fora desta *Obra Poética* ficou o título bilingue *Timor – Chant Majeur* (1997).

⁵ Dois outros volumes de *Hai-Cantos* haviam sido publicados em data anterior à *Obra Poética* reunida.

... poemas só poemas...
mais poemas só poemas...
... num Poema só!...⁶

Seria contudo enganador pensar-se que um só livro bastaria para dizer esse “Poema só”. Subjacente à obra de A. Oliveira Cruz está uma estrutura mental que perdura ao longo dos anos, mas o extenso *corpus* que a constitui vai sendo burilado, lapidado, inovando uma glosa discursiva, ajustada a formas poéticas diversas. E cada livro é, também ele, esculpido de modo a constituir uma estrutura coerente, coesa. De perene, isso sim, encontramos a voz própria que define este poeta.

Humana condição, verticalidade do *eu*, cosmos-redenção

A produção poética de A. Oliveira Cruz, intensa e regular, oscila entre uma espécie de entrega ao instinto criador, fruindo de liberdade formal (por exemplo, em poemas com um número variável de estrofes, um discurso torrencial é acompanhado de verso livre e associado a múltiplas enumerações) e a concepção racional de poemas que seguem meticulosamente códigos técnico-formais (como os das Cantigas de Amigo medievais, da tradição ocidental, ou os dos *haikais*, da tradição oriental). Em cada poema, os prolixos temas atrás indicados interpenetram-se ou fazem ecoar outros, pelo que, nós, leitores, o recebemos como um todo não espartilhado, reencontrando o universo próprio do autor. Por outro lado, fruto de uma cadeia intertextual da tradição, recuperada e combinada com o trabalho fónico-rítmico, recebemos cada poema como depositário de um saber intemporal.

Notoriamente dominada por tópicos de humanização, se esta é uma poesia do *eu*, subjectiva e emocional, ela é também complexamente cerebral. Não por acaso, o leitor ideal é incitado a acompanhar a militância que norteia o *eu* poético:

se quiseres vir
ao que falta para acabar
... dêmo-nos as mãos!...⁷

⁶ *Haï-Cantos*, vol. XI – *A Sábia Ignorância*, p. 41.

⁷ *Haï-Cantos*, vol. XI – *A Sábia Ignorância*, p. 12.

Na leitura desta obra poética, destaco como coordenada fundamental a dialéctica entre três vértices. São eles: a indagação da humana condição; a revelação do *eu* que insiste na vontade de redimir aquela (e que, como referido, incita os outros a fazê-lo); a presença do cosmos ou, seja-me permitida a metáfora, a presença de lugares/tempos de peregrinação que trazem dignidade ao Homem. Estes lugares/tempos, sejam eles a terra, Deus, o corpo, a noite, o silêncio, a história, o mar, a palavra, o amor, são solução, mesmo quando tudo pareça desmornar-se. Em suma, entre, a um lado, a consciência da humana condição e, a outro, a percepção do cosmos acolhedor que pode ajudar a redimir a humanidade, o sujeito poético, qual peregrino obstinado, persiste na caminhada, num grito, numa esperança.

Assim, e servindo-me fundamentalmente de exemplos colhidos nos diferentes volumes dos *Hai-Cantos*, em cada um deles está exposta a compreensão apurada do humano, esse intérprete superior da vida. Se é inevitável a

Condição humana...
de ter que amá-la e sofrê-la
... e assumi-la inteira!...⁸,

o reverso é vigoroso, pois o Homem pode ser um regenerador, não tem que submeter-se a um existencial:

nada me obriga
a fazer o quer-que-seja
... no que o fizer sou!..⁹

Na sua verticalidade, o *eu* poético não se limita a elucidar as contradições da vida, a dizer as perplexidades que esta gera, a irradiar um modo de agir e estar-no-mundo. Afinal, o seu canto tece – ou, se preferirmos o neologismo de um dos *Hai-Cantos*, ‘textece’¹⁰ – dúvidas, o que explica a vastidão do labor a que se propõe:

Qual arado lavro
o mar ao largo da vida

⁸ *Hai-Cantos*, vol. XII – *Habitar a Voz*, p. 67.

⁹ *Hai-Cantos*, vol. VIII – *Rocha Viva*, p. 90.

¹⁰ Refiro-me ao poema “a cantar fui indo.../ sem saber que em passos ia/ *textecendo* a dúvida!...”. In *Hai-Cantos*, vol. VIII – *Rocha Viva*, p. 40, itálico meu.

... cada onda um verso!¹¹

Tais dúvidas vão-se transmutando noutras. Por isso a insistência na absoluta necessidade de um “Eterno Canto do Universo” (título de um poema do volume *Se em Frente Quisera*, de 1989), que ajude a iluminar um mundo, onde

(...)
os Homens
sejam
só
Homens
e não podres
coisas de coisas!¹²

A demanda do *eu* poético é contínua, ininterrupta, como lemos em “Este ir-se fazendo”, outro poema deste mesmo volume: há que conhecer a sua própria condição (“que Homem/ será este/ que me sou?”); há que pensar a predestinação de dizer/escrever o “abismo-mundo”; há, por último, que enaltecer a vida misteriosamente renovada no cosmos (“e cada morte/ um mais pleno/ amanhecer!”)¹³. É esse canto inaudito sobre lugares/tempos universais, nos quais se possa alcançar a humanidade, que tem perdurado na obra de A. Oliveira Cruz. Em especial, insista-se, nos *Haï-Cantos*, onde tudo é dito de modo sincrético:

... o Canto inaudito
que em surdina e rumor gera
o tempo do mundo!...¹⁴

Mesmo que o homem falhe, não falha o cosmos. A força para que o *eu* lírico diga, batalhe, louve, enfim, para que entoe a vida advém de tal consciência. São muitos os ‘lugares de peregrinação’ que surgem ao longo desta obra poética, a pretexto dos quais a voz do sujeito, com uma força desmedida, grita por melhorias de espaço/tempo/agir/Ser. Tais ‘lugares’ vão da terra (ou do céu) ao local mais oculto:

... nos requebros mais recônditos

¹¹ *Haï-Cantos*, vol. III – *Vibração*, p. 176.

¹² In *Obra Poética*, vol. I, pp. 453-460.

¹³ In *Obra Poética*, vol. I, pp. 440-446.

¹⁴ *Haï-Cantos*, vol. X – *Canto Inaudito*, p. 86.

onde a luz quase mal chega
... faz chegar o amor!...¹⁵

Todos esses lugares/tempos acabam, inevitavelmente, por remeter para uma peregrinação interior, para um “cosmos interno”, como revelado nestes versos:

... cruzar os espaços
que abrem o cosmos interno
... tecendo o Mistério!...¹⁶

E se, nesse cosmos, a relação do Homem com o divino tem presença magistral, também o universo “inteiro”, exterior, merece e pede o olhar do sujeito lírico, que, em profunda relação com ele (e socorrendo-me de um outro neologismo do poeta) se “estende”:

o horizonte inteiro...
que de mim a mim se abraça
... e me estende imenso!...¹⁷

A esperança que define este *eu* poético é enraizada no cosmos. Trata-se de uma crença no universo, na maravilhosa renovação que o caracteriza. Em consentâneo, perpassa em cada volume desta obra poética uma atitude contemplativa. É uma atitude propícia a um discurso de feição lírica e introspectiva, pelo que poderia parecer que estamos perante uma espécie de recuo do sujeito face ao mundo. Mas não. O agir combatente do *eu* é transferido para o cosmos. E o cosmos exige, interpela:

... a roseira estava
no lugar que sempre espera
que meus olhos cheguem!...¹⁸

O cosmos alenta, pois, observando-o, verifica-se que o Homem é, afinal, feito à imagem daquele. Disso resulta a crença de que também é possível entender e transformar a humana condição:

Mesmo os montes riem

¹⁵ *Hai-Cantos*, vol. XV – *Eterno É o Amor*, p. 63.

¹⁶ *Hai-Cantos*, vol. XIV – *Minha Essência É o Raio*, p. 51.

¹⁷ *Hai-Cantos*, vol. XII – *Habitar a Voz*, p. 19.

¹⁸ *Hai-Cantos*, vol. XIII – *O Ser Mais Real*, p. 113.

e os rios cantam hinos
... amor que acontece!¹⁹

A relação contemplação/efeito que o cosmos tem sobre o *eu* lírico é a pedra de toque da poesia de A. Oliveira Cruz. Num movimento contínuo, uníssono e indestrinçável, vida, sujeito (poético), escrita e espaço fundem-se:

a fazer poemas
e deixar que el's me façam
... campo de açucenas!...²⁰

Visualidade, musicalidade, géneros poéticos

A poesia de A. Oliveira Cruz tem marcas formais muito próprias. Uma delas prende-se com o labor ao nível do tipografismo. Nos poemas mais longos, há uma obsidante existência de pontilhado (vertical, horizontal, diagonal) entre estrofes, e estas apresentam também uma mutável disposição gráfica. Nesses poemas ou nos dos *Hai-Cantos* (como visível em alguns dos exemplos acima citados), os versos podem surgir com espaçamento interno. Outra marca consiste no emprego de maiúscula em algumas palavras. Da materialidade destes signos resulta que deles poderemos dizer serem “um objecto espacial graficamente constituído” (SILVA, 1984, p. 595), pleno de visualidade, que exige ao leitor que leia/olhe estes poemas como se fossem uma pintura.

Mais determinadamente, há um insistente recurso a sinais de pontuação, como exclamações, interrogações, reticências e apóstrofes (que reproduzem determinada pronúncia) – tendo este último sinal por fito obter uma métrica. Outra marca, de índole morfo-sintáctica, prende-se com a abundante existência de interjeições e de vocativos. Estes procedimentos adequam-se tanto ao uso retórico de apóstrofes, exclamações e hipérbolos metafóricas – as quais melhor contribuem para que o sujeito poético faça chegar a sua voz, partilhe o dito, comprovando a sua força instigante –, quanto ao uso de elipses, de hipérbatos, que,

¹⁹ *Hai-Cantos*, vol. IV – *Voz de Fogo*, p. 115.

²⁰ *Hai-Cantos*, vol. IX – *Silêncio ao Vento*, p. 45.

subtilmente, sugerem que algo ficou por dizer, intensificando o efeito de implicação junto do leitor empírico.

O conjunto das marcas que acabo de elencar, profícuas em termos visuais e retóricos, também indica o caminho para ler em voz alta os poemas, respeitando pausas, cesuras, quase que determinando a respiração a seguir, a maior ou menor intensidade de os dizer.

Exceptuando os 15 volumes de *Hai-Cantos*, os poemas dos demais livros publicados oscilam na extensão. Os versos, habitualmente curtos, são de métrica variável; no entanto, em inúmeros casos, ao seguirmos a sintaxe, damo-nos conta de um ‘fôlego’ predominante, idêntico ao da estrutura métrica da tradição literária portuguesa (versos de redondilha maior ou menor), o que lhes traz um ritmo inconfundível. Mesmo quando não se verifica rima final ou rima interna, os poemas surgem envoltos numa musicalidade. Esta advém não só de aliterações (consonânticas e vocálicas), como, ainda, do ‘fôlego’ que acabei de referir (diria que um ‘fôlego’ visceral ao poeta).

E se tal musicalidade abundou nos volumes que antecederam os *Hai-Cantos*, nestes, ela não desapareceu. Bem pelo contrário. Por se tratar de uma forma poética que, à maneira do *haikai* oriental, surge distribuída por três versos, habitualmente com métrica total de 17 sílabas, os *Hai-Cantos* ‘casam’ idealmente com o fôlego que referi (maioritariamente, têm 2 redondilhas menores e, no verso central, uma redondilha maior). Com eles, o poeta não só estimulou o ritmo que vinha a imprimir nos poemas das dezenas de volumes publicados anteriormente, como potenciou a vertente simbólica e metafórica a que a exiguidade do terceto obriga. Ademais, encontrou o género ideal para a concisão do dizer, assim convocando o silêncio na sua poesia. Sobretudo, a revelação do cosmos de que falei atrás, o delicadíssimo olhar que o *eu* lírico lhe lança e o despojamento almejado encontraram aqui uma soberba forma poética.

Na obra de A. Oliveira Cruz, a coordenada que aponteí (dialéctica entre humana condição, verticalidade do eu e cosmos-redenção) tem estreita articulação com o meticuloso labor autoral em diferentes géneros poéticos. Vimos já o caso dos *Hai-Cantos*; debrucemo-nos agora sobre outros géneros.

Em muitos poemas, o sujeito lírico glosa representações da vida com uma alegria vivaz, explosiva; é o que intuo da leitura de um poema como “Alegria louca”, do livro *Haja*

(1988)²¹. Mas, noutras vezes, raras, predomina a decepção e concretiza-se a queda. Bem certo que, nem com esta, há desistência do *eu*. Verifiquemo-lo, convocando “Numa praia sem nome”, de *Cânticos de Amores* (1988)²², um dos raros poemas narrativos da obra do poeta²³.

Trata-se de um longo poema, com 25 estrofes, no qual o *eu*, apresentado nas duas primeiras estrofes pela sinédoque “meus olhos” (“cansados do mar” e “enxutos”), se esfuma após surgir o refrão:

... e a espuma
era branca
de um ódio
sem dor!

Surge um metonímico “Homem/ sem fim/ pr’ali a finar”, igualmente apresentado pela sinédoque “só uns olhos” (também eles “pr’ali/ sem olhar”). À medida que o número de estrofes, intercaladas pelo refrão, aumenta, acelera-se o ritmo do que é contado. Fim de tarde, noite, aurora sucedem-se; com a última, vem a “esperança”. O Homem continua “de pé”, apesar de a “areia molhada” o aguardar. Em estrofes de 8, 6, 4, 6, 12 versos, que vão decrescendo e crescendo quais ondas do mar, assinala-se o passar dos “anos”. Persistentemente, “o Homem/ lá est[á]”. Até que cai “sobre si/ como sombra/ enrolada...”. Não desiste ainda: ergue-se, clama por uns personificados destino, solidão, ausência, amor e morte (nomeados pelos nomes próprios “Tristeza”, “Fatídico”, “Rosto”, “Amor” e, finalmente, “Mar”). Na última estrofe, “cansado”, o Homem lança-se “nos braços/ do mar”. Mas, mesmo esta decisão não implica ter desistido, pois ele age “esperando/ encontrar”.

Acompanhando o tom deambulatório, mas esforçado, do *eu*/ Homem pela “praia sem nome” – quer dizer, por um dos muitos lugares do cosmos que perpassam nesta poesia –, os símbolos do poema oscilam da luz à sombra (do branco da espuma à bruma; da noite ao dia) e do silêncio humano/divino (o som religioso das “trindades”) ao grito animal (o “bramido”). Estes símbolos dão conta da solidão, da dispersividade da vida, da fugacidade do tempo, da procura do amor e do absoluto. Se o Homem se subsume num Mar “de um ódio/ sem dor!”, que o aguarda e acolhe, se o clima é gradativamente sufocante, se a voz que conta é mais

²¹ In *Obra Poética*, vol. I, pp. 367-368.

²² In *Obra Poética*, vol. I, pp. 307-313.

²³ Quando no poema existe um elemento narrativo, este tem como função principal a “evocar uma atitude e um estado íntimos, revelar o conteúdo de uma subjectividade” (SILVA, 1984, p. 584).

evasiva do que afirmativa, este poema não deixa de ser a história de uma realidade que se basta a si. É, pois, uma proposta de lírica moderna.

A desenvoltura para erigir versos como os que acabei de citar não está menos presente quando A. Oliveira Cruz retoma e adapta géneros rigorosamente tipificados, como sejam as cantigas de amigo. Aponto a este propósito o que sucede em “Dizei-me vós ó vigias”, do volume II, de *Cantares de Amigo* (2006)²⁴.

Naquele poema, a voz do *eu* feminino interroga os vigias sobre o paradeiro do amado, assumindo um estado de alma de tristeza pela ausência dele, bem como de ansiedade pelo seu regresso. Há a idealização de um amor, a que a natureza/as “estrelas” saberá/saberão dar resposta. Mas neste *Cantar de Amigo* ecoam igualmente o 3.º e o 5.º dos Cânticos dos Cânticos bíblico, evidenciando-se um trabalho intertextual. O refrão (“Dizei-me vós ó vigias”) surge no início de cada estrofe (e não no fim), como próprio da poesia trovadoresca, e o ambiente, se bem que rodeado pelos “caminhos e montes” (como também típico da lírica trovadoresca), é o de uma “cidade” muralhada. Enfim, é uma paisagem de “terras sem idade”, a lembrar a mesmíssima ‘sem idade’ quer dos textos bíblicos quer da poesia peninsular, recuperados de forma inovadora por A. Oliveira Cruz, tal como o faz noutros géneros poéticos.

Assim pois, formalmente, para além de uma visualidade e de uma musicalidade indiscutíveis, a obra de A. Oliveira Cruz apresenta um equilíbrio triangular entre mestria de adaptar a tradição métrica portuguesa a géneros provindos de outras tradições literárias (como sucede nos *Hai-Cantos*), consciência lúcida da aventura poética da modernidade e recuperação/recriação de velhos géneros poéticos – no caso que escolhi para ilustrar, igualmente iluminados por textos bíblicos.

Como um campo de açucenas

Como deixou dito Eugénio de Andrade, a poesia é o “mergulho do homem nas suas águas mais silenciadas, o que vem à tona é tanto uma singularidade como uma pluralidade” (*apud* SILVA, 1984, p. 583). A poesia de A. Oliveira Cruz é singular, pela dialéctica nela

²⁴ In *Obra Poética*, vol. IV, pp. 580-581.

estabelecida entre o Humano, o *eu*, o cosmos; pela perenidade dos temas e motivos que percorrem a imensidão de poemas publicados, dizendo a humanidade e a vida em todo o seu mistério. É singular, ainda, pela mestria com que trabalha a língua e pelo modo como domina diferentes géneros poéticos.

Mas a poesia de A. Oliveira Cruz é também plural. Porque nela ressoam inequivocamente temas e formas da tradição, quer popular quer canónica, poemas maiores da literatura portuguesa e universal, revelações bíblicas. É uma poesia que toca e desvela cada um de nós, seus leitores; uma poesia que fica na memória e nos devolve a condição de seres singulares e, afinal, tão plurais.

Eis, portanto, uma obra que alcança um classicismo intemporal, ao oferecer-nos imagens do mundo como um ‘todo’ não espartilhado, ao harmonizar meio de expressão e motivos tratados. Ora visualmente excessiva, pelas marcas de que se socorre sempre que dá voz ao inconformismo, ora singela nos poemas que discretamente se aproximam do silêncio, há nela constante musicalidade, sobrepondo-se esta a tudo o mais que possamos dizer. Ou, talvez não. Faltou acrescentar que à música se associam imagens/emoções que ficam a bailar na memória do leitor. E a imagem que eu, leitora, retenho é a de um campo de açucenas. Qual campo de açucenas, a poesia de A. Oliveira Cruz, pelo conjunto de características que procurei analisar, traz a nobreza, a elegância e a distinção que esta flor simboliza. E qual açucena, o sujeito poético mostra uma força imensa, advinda do solo, da terra, do cosmos.

Termino, devolvendo a voz ao poeta:

A fazer poemas
a dançar sonatas
colher açucenas
em salvas de prata.

Ao mundo lança-las
em si sendo o gesto

a todas beijá-las
desde a face ao resto.

... Poeta que fui

Poeta que sou

Poeta me irei

poeta me vou!²⁵

Referências

BAPTISTA, Fernando Paulo. *Do 'Estatuto' Identitário de 'Ser-Poeta' na Poesia de António Oliveira Cruz*. Lisboa: Instituto Piaget, 2011.

CRUZ, A. Oliveira. *Obra Poética* (vol. I). Lisboa: Instituto Piaget, 2008.

_____. *Obra Poética* (vol. II). Lisboa: Instituto Piaget, 2008.

_____. *Obra Poética* (vol. IV). Lisboa: Instituto Piaget, 2008.

_____. *Hai-Cantos*, vol. III – *Vibração*. Lisboa: Instituto Piaget, 2009.

_____. *Hai-Cantos*, vol. IV – *Voz de Fogo*. Lisboa: Instituto Piaget, 2009.

_____. *Hai-Cantos*, vol. VIII – *Rocha Viva*. Lisboa: Instituto Piaget, 2013.

_____. *Hai-Cantos*, vol. IX – *Silêncio ao Vento*. Lisboa: Instituto Piaget, 2013.

_____. *Hai-Cantos*, vol. X – *Canto Inaudito*. Lisboa: Edições Piaget, 2014.

_____. *Hai-Cantos*, vol. XI – *A Sábia Ignorância*. Lisboa: Edições Piaget, 2015.

_____. *Hai-Cantos*, vol. XII – *Habitar a Voz*. Lisboa: Edições Piaget, 2016.

_____. *Hai-Cantos*, vol. XIII – *O Ser Mais Real*. Lisboa: Edições Piaget, 2017.

_____. *Hai-Cantos*, vol. XIV – *Minha Essência É o Raio*. Lisboa: Edições Piaget, 2018.

_____. *Hai-Cantos*, vol. XV – *Eterno É o Amor*. Lisboa: Edições Piaget, 2019.

SANTOS, António de Almeida. “Breve nota introdutória”. In A. Oliveira Cruz. *Obra Poética* (vol. I). Lisboa: Instituto Piaget, 2008; pp. 7-17.

SÉRGIO, Manuel. A. *Oliveira Cruz. O Poeta do Desejo*. Lisboa: Instituto Piaget, 2008.

²⁵ Poema de *Meditações Poéticas – Poética do Sujeito*, vol. III. In *Obra Poética*, vol. II, p. 530.

SILVA, Vítor Manuel Aguiar e. *Teoria da Literatura*. Coimbra: Almedina, 1986.

TAVARES, José Fernando. *Canto Universal. A Poesia de A. Oliveira Cruz ou a Revelação do Abismo*. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.

_____. *O Reflexo de Deus na Poesia de A. Oliveira Cruz*. Lisboa: Instituto Piaget, 2008.

_____. *Acto Poético e Intenção Filosófica. Ensaios sobre a Poesia de A. Oliveira Cruz*. Lisboa: Edições Piaget, 2014.

A. OLIVEIRA CRUZ POETRY – A FIELD OF WHITE LILY

ABSTRACT: An analysis of the work of Portuguese poet A. Oliveira Cruz is presented. After surveying the extensive *corpus* that composes this poetic work, and adding a synthesis about the critical reception to which it has been subjected, the analysis coordinates are explained. The argument is advanced: there is a dialectic between three vertices (human condition, self-verticality, cosmos-redemption), which will be exemplified using the poems from the volumes of *Hai-Cantos*. The revelation of stylistic aspects, such as the visibility and musicality, evident in the poems of these and other volumes, will be articulated with the meticulous authorial work on different poetic genres, bringing some justifying examples. We conclude that we are facing a poetic work of high elegance and distinction.

Keywords: A. Oliveira Cruz. *Hai-Cantos*. Poetry. Stylistic.

Envio: dezembro/2019
Aceito para publicação: abril/2020